

Ministro recebeu um voto de confiança

PAULO FRANCIS

Por uma vez o noticiário ostensivo da imprensa está correto: o ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, pretende cortar o déficit de US\$ 25 bilhões previsto para 1994, sem qual corte não regularizaremos nossa situação com FMI e banqueiros internacionais. Foi prometido também aos investidores estrangeiros o chamado Plano Pérsio Arida, de privatização acelerada, ainda que exclua os elefantes brancos, Petrobrás e Vale do Rio Doce. Seriam golpes certos numa inflação que deve estar pelos 40% ao mês.

Disso tudo, emergirá um país novo, com plena capacidade de participar do mercado financeiro mundial. No momento, a participação só ocorre marginalmente. Cardoso recebeu um crédito de

autoridades financeiras multilaterais, do governo dos EUA e banqueiros internacionais.

O mais foi retórica, afagos diplomáticos e alguns fogos de artifício para a galeria, alvejando sonnegadores e especuladores.

No campo diplomático, o chanceler Celso Amorim discursou na ONU sobre democracia, direitos civis e desenvolvimento. É uma santíssima trindade que não provoca a menor controvérsia. Lamentou-se a ausência do presidente Itamar Franco. Por que não veio? Chefes de Estado mais humildes, da Etiópia, Nigéria, etc, vieram enfrentar a mídia internacional. O Brasil permanece um enigma internacional, sem política interna ou externa definidas. Em outubro presidirá o Conselho de Segurança da ONU. O que quer do mundo, não se sabe. O

cargo nos foi oferecido por cortesia, não porque tenhamos qualquer influência sobre os eventos.

Também veremos se haverá a tal revisão constitucional, importantíssima para libertar a economia do Brasil de laços feudo-corporativistas (já defendidos pelo mais reacionário dos nossos líderes, Lula). Há bastante expectativa de que o País se mova, depois de uma extensa recessão, instabilidade política e falta de rumo. Os títulos da dívida externa, que emitiremos de acordo com o Plano Brady, parecem dar bons rendimentos. Devem atrair capital. Mas o decisivo é a privatização da economia. É no que joga a comunidade financeira mundial e que põe em jogo a cabeça do governo Itamar em face do populismo demagógico e inepto. Esses próximos meses serão decisivos.